



LITERATURAS INDÍGENAS: CAMINHOS DE RUPTURA, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA POLÍTICO-CULTURAL

Palavras-Chave: LITERATURAS INDÍGENAS, RESISTÊNCIA, TERRITORIALIDADE

Autoras:

BIANCA SOFFIATTI HEREMAN, JENIFER CAROLINE ROCHA SILVA, MARIANA APARECIDA GOMES DE OLIVEIRA, COTIL-UNICAMP.

Prof^a. CAMILA FRAISOLI (orientadora), COTIL-UNICAMP.

INTRODUÇÃO:

Na literatura tradicional brasileira, a figura do *índio* sempre foi contada a partir da visão do colonizador, e depois por intelectuais brancos, que pouco buscavam representar a verdadeira cultura dos povos originários. Ao longo do tempo, a literatura indianista (produzida por não-indígenas) construiu e propagou pela sociedade a imagem do *índio* dócil e manso, que posteriormente foi substituída por um ser rude e bárbaro. Ambas as representações possuíam um objetivo claro: reduzir a pluralidade dos indígenas brasileiros apenas ao termo generalizado *índio*, abordando a questão desses povos como algo singular. Com isso, os indígenas foram descaracterizados e desumanizados, tendo suas reivindicações por direitos civis e lutas por terras, conseqüentemente, enfraquecidas.

Nesse cenário, a literatura indígena torna-se um forte instrumento de contestação às violências sofridas por esses povos, um movimento de ruptura com a imagem do indígena passada pelos colonizadores e uma forma de construção de uma nova figura político-cultural. Através da literatura indígena, os povos originários resgatam sua identidade, reafirmam sua cultura, reivindicam uma parte da história brasileira que foi tomada pelos colonizadores e ganham voz para lutar ativamente por seus direitos como cidadãos, mostrando que o termo *índio* não é grande o suficiente para toda diversidade que abrange os quase trezentos povos nativos presentes no Brasil atual.

Nessa perspectiva, o projeto em questão surgiu da necessidade de compreender o papel das obras literárias indígenas na construção de um movimento de resistência e ruptura diante da violência, marginalização e genocídio sofridos pelos povos originários. Para isso, foi necessário retomar as obras clássicas da literatura brasileira e analisar como a figura do *índio* foi historicamente construída, para, em seguida, entender de que forma essa caracterização moldou a visão da sociedade sobre os povos indígenas e como, ainda hoje, contribui para a deslegitimação de seus direitos como cidadãos.

METODOLOGIA:

Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho realiza uma revisão bibliográfica sobre o tema, buscando traçar um paralelo entre a criação do imaginário do ser indígena e sua caracterização enquanto cidadão brasileiro. Em seguida, foi feita uma revisão de obras clássicas da literatura brasileira, na qual se apontaram pontos em comum e mudanças de paradigmas sobre como o indígena era visto nessas publicações. Posteriormente, o estudo aborda obras da literatura indígena, procurando compreender a criação de uma imagem auto-identitária como forma de resistência político-cultural e territorial.

OBRAS CLÁSSICAS:

No início da pesquisa, cinco obras da literatura clássica brasileira foram escolhidas e analisadas. São elas: *Ubirajara*, *O Guarani* e *Iracema*, de José de Alencar; *O Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade; e *Maíra*, de Darcy Ribeiro. Cada um desses autores representa um momento distinto da sociedade brasileira, e esse contexto histórico se reflete diretamente na visão sobre os indígenas que buscam transmitir através de suas obras.

VISÃO GERAL DAS OBRAS:

Os livros de José de Alencar idealizam o indígena como herói nacional, mas sempre inferiorizando sua cultura, promovendo uma imagem europeizada e preconceituosa ao invés de representar verdadeiramente os povos originários brasileiros. Dessa maneira, nos livros de Alencar, o indígena que faz parte da formação identitária da do Brasil é o *índio catequizado*, que abandonou seu lado *selvagem* para viver de acordo com os costumes que a sociedade, influenciada pelos valores europeus, considerava corretos.

Em oposição, Oswald de Andrade, no *Manifesto Antropófago*, propõe a valorização da diversidade cultural brasileira e enaltece o indígena como símbolo de uma identidade híbrida e autêntica. Nessa obra, o autor defende a importância de que o Brasil dialogue com o mundo sem perder a sua essência.

Já Darcy Ribeiro, em *Maíra*, retrata os indígenas com maior sensibilidade, destacando a complexidade de suas lutas em uma sociedade moderna marcada pela violência, preconceito e desumanização dos indígenas. Ao longo da história, Darcy Ribeiro busca retratar a cultura dos povos originários com fidelidade, exaltando toda a diversidade que os compõem.

OBRAS INDÍGENAS:

Por meio da análise de obras produzidas por autores indígenas, a pesquisa se voltou ao entendimento de como esses povos se posicionam no mundo e como, através da escrita, reafirmam sua identidade. Para tal objetivo, os livros estudados foram: “*A Terra Sem Males*” (ALENCAR), “*Kurumi Guaré no Coração da Amazônia*” (YAMÃ), “*O Karaíba*” (MUNDURUKU), “*Poesia Indígena Hoje*”

(DORRICO), “Sepé Tiaraju” (CHEUICHE), “Sepé Tiaraju: Um Herói da Pátria” (BORGES), “Wamrêmê Za’ra: Nossa Palavra” (SEREBURÃ; HIPRU; RUPAWÊ; SEREZABDI; SEREÑIMIRÃMI) “As Serpentes que Roubaram a Noite” (MUNDURUKU), “Catando Piolhos, Contando Histórias” (MUNDURUKU; MATÉ), e “Kuján e os Meninos Sabidos” (KRENAK; CARELLI).

CONTRASTE ENTRE OBRAS CLÁSSICAS E OBRAS INDÍGENAS

Ao colocar trechos comparativos entre as obras indígena e indianistas, é possível analisar a diferença entre ambas. Nos textos escritos por autores indianistas, é possível observar a construção de uma identidade dada pela visão colonial, criando uma figura caricata das populações indígenas. Enquanto isso, nas obras indígenas, é possível notar a mudança de paradigma em relação aos povos originários. Assim, a literatura indígena pode

ser compreendida como uma forma de resistência.



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025

PRINCIPAIS PONTOS ABORDADOS:

Ao contrário das representações estudadas na primeira etapa do trabalho, as narrativas indígenas são construídas por pessoas que permeiam os povos originários e estão comprometidas com o fortalecimento de suas vozes, culturas e memórias. Essas obras atuam como formas de resistência frente à colonização, à violência e ao apagamento cultural, resgatando cosmologias, práticas ancestrais e modos de vida que insistem em sobreviver mesmo diante da exclusão. Nesse contexto, a literatura torna-se meio de denúncia, testemunho e ferramenta política.

Nas obras aqui estudadas, a territorialidade, juntamente aos direitos indígenas, é um ponto constantemente abordado. Para os povos originários, a relação que eles possuem com o lugar em que habitam é de extrema importância, especificamente a terra, já que a conexão que criam é espiritual, material, cultural e histórica. Sendo assim, a territorialidade é um dos aspectos centrais da luta pelos direitos indígenas no Brasil e, conseqüentemente, um ponto frequentemente apresentado nas narrativas.

Além disso, outro tema bastante abordado nos livros indígenas é a formação da identidade e como, quando utilizada de maneira errada, ela pode se tornar um instrumento de segregação. No livro *Poesia Indígena Hoje*, uma coletânea de textos de diversos escritores indígenas, essa questão ganha destaque especial, trazendo à tona uma reflexão que dialoga diretamente com esta pesquisa: “o que é um índio de verdade?”. Esse tema é constantemente abordado nas obras escolhidas com o objetivo de desfazer a imagem de *índio selvagem* criada ao longo dos últimos séculos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os livros e textos estudados mostram que as visões sobre os povos indígenas vão de um símbolo de pureza e heroísmo para uma representação marcada pela crítica social, resistência e pela busca de uma identidade nacional que contemple a diversidade dos povos que compõem a sociedade brasileira. Com a análise das obras, é visível que desde o início, a tentativa de condensar todas as etnias indígenas em uma única figura (a do *índio*) acabou se tornando um desafio para as comunidades indígenas atuais, pois décadas de representações generalizadas, caricatas e racistas contribuíram para a desumanização dos povos originários.

CONCLUSÕES:

Após meses de análise das obras escolhidas e de textos auxiliares, conclui-se que o presente projeto atingiu todos os objetivos propostos. De início, foi realizada uma análise densa sobre as obras clássicas brasileiras cuja influência, totalmente carregada de preconceitos, contribuiu para a formação do imaginário popular da figura indígena. Esse processo evidencia como as narrativas construídas ao longo da história foram desenvolvidas para disseminar representações generalizadas, reforçando estereótipos que persistem até os dias atuais.

Posteriormente, a análise das obras indígenas possibilitou a observação de uma virada discursiva, na qual as vozes dos povos originários passaram a ocupar o centro da narrativa. Através de temas como a reconstrução da identidade de um povo que ao longo da história foi, constantemente, descaracterizado e as lutas por direitos civis que enfrentam, especialmente a demarcação de suas terras, as obras lidas constroem novas formas de narrar e de existir, deslocando a visão colonial e promovendo uma reinterpretação da história.

Conclui-se, portanto, que a literatura indígena contribui diretamente para a reconstrução de uma nova figura político-cultural e da memória dos povos originários brasileiros, servindo como base de um movimento de ruptura que denuncia às violências sofridas pelos povos originários.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Jakson de. A terra sem males: mito guarani. Ilustrações de Ângelo Abu. 3. impr. São Paulo: Paulus, 2022.
- ALENCAR, J. de. Iracema. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger, 1865. Disponível em domínio público: Biblioteca Nacional Digital.
- ALENCAR, J. de. O Guarani. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger, 1857. Disponível em domínio público: Biblioteca Nacional Digital.
- ALENCAR, J. de. Ubirajara. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger, 1874. Disponível em domínio público: Biblioteca Nacional Digital.
- ANDRADE, O. de. Manifesto Antropófago. Revista de Antropofagia, Ano 1, n. 1, São Paulo, maio de 1928. Disponível em domínio público: Academia Brasileira de Letras.
- BORGES, Luiz Alfredo. Sepé Tiaraju: um herói da pátria. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2018. 52 p.
- CALLADO, Antônio. O Karaíba. 6. ed. São Paulo: Editora José Olympio, 2004.
- CHEUICHE, Alcy. Sepé Tiaraju: romance dos sete povos das missões. 12. ed. Porto Alegre
- GUARÁ, Roni Wasiry. Olho d'água: o caminho dos sonhos. 2. ed. Ilustrações de Walther Moreira
- KRENAK, Ailton; CARELLI, Rita. Kuján e os meninos sabidos. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2024.
- MUNDURUKU, Daniel. As serpentes que roubaram a noite e outros mitos. Ilustrações das crianças Munduruku da aldeia Katõ. São Paulo: Editora Peirópolis, 2001.
- MUNDURUKU, Daniel; MATÉ. Catando piolhos, contando histórias. São Paulo: Escarlate, 2024.
- POESIA indígena hoje. Número 1. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. ISBN 978-65-991681-0-9.
- RIBEIRO, D. Maíra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- YAMÃ, Yaguarê. Kurumi Guaré no coração da Amazônia. 1. ed. São Paulo: FTD, 2007.